

A influência das representações tradicionais de gênero nas trajetórias de vida de mulheres jovens em Belo Horizonte

Resultado de investigação finalizada

Gênero, desigualdades e cidadania

Alessandra Sampaio Chacham*

Juliana Gonzaga Jayme*

Resumo

Este artigo parte da análise dos dados qualitativos de uma pesquisa realizada em 2008, em Belo Horizonte com jovens moradoras de favelas e de bairros. A investigação consistiu em uma etapa quantitativa e em uma fase qualitativa e objetivou analisar o impacto da desigualdade de gênero sobre a autonomia das mulheres jovens em diferentes esferas de sua vida. O artigo analisa, a partir das representações de gênero dessas mulheres, suas trajetórias e, nestas, o processo de construção e manutenção da agência dessas jovens e busca compreender nos seus discursos e práticas sexuais de que maneira as concepções do que é ser homem e do que é ser mulher influenciam suas trajetórias.

Palavras-chave: Gênero, autonomia, território

Este texto apresenta uma discussão de dados provenientes da pesquisa *Autonomia e vulnerabilidade na trajetória de vida de mulheres jovens das camadas médias e populares na cidade de Belo Horizonte*¹, realizada entre 2008 e 2010². Esses dados resultam de entrevistas realizadas com adolescentes e mulheres jovens entre 15 e 24 anos, residentes na região centro-sul de Belo Horizonte, em bairros de classe média e em favelas da área, principalmente nos aglomerados próximos aos bairros Serra e Santa Lúcia.

O objetivo da pesquisa foi analisar o impacto da desigualdade e da violência de gênero sobre a saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens em diferentes contextos sociais. Nessa análise utilizamos o conceito de gênero e exploramos a sua interface com outras categorias de diferenciação social: geração (juventude), território (bairros e favelas), cor/raça e classe social, categorias indissociáveis dado que, no Brasil, as mulheres brancas estão concentradas nas classes médias e, portanto, nos bairros, e a maioria das jovens residente nas favelas é negra.

Gênero é entendido aqui como uma categoria que permite discutir o fato de que as diferenças sociais entre os sexos³ são produzidas e possuem historicidade, variando de acordo com contextos culturais distintos. Mas é observado também como categoria que possui um caráter relacional, ou seja, que diz respeito a outras distinções sociais, não apenas aquelas referentes aos sujeitos concretos. Assim, numa perspectiva relacional de gênero, não se pode pensar em uma identidade feminina e fixa que emerja do fato de “ser mulher”. Antes, tal abordagem atenta para as assimetrias e desigualdades não só entre

* Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas.

* Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas.

¹ Pesquisa desenvolvida com financiamento do CNPq, da PUC Minas e do Observatório para a América Latina da Universidade de Miami.

² Participaram também da equipe de pesquisa os professores Magda Neves, Malco Camargos e Mônica Maia.

³ Isso não quer dizer que pensamos o sexo como natural ou biologicamente dado. Sobre essa discussão ver, entre outros, Laqueur (2001) e Butler (1990).

masculino e feminino, mas também dentro das várias feminilidades (e masculinidades) (Strathern, 1988; Vale de Almeida, 1995; Jayme, 2001).

Dessa forma, haveria relações de assimetria e poder entre masculino e feminino, mas não somente. Dentro do feminino e do masculino seria possível encontrar assimetria e hierarquia. Assim, não se pode pensar que as mulheres estariam unidas em uma identidade de gênero. Como aponta Kofes (2001), entre patroas e empregadas domésticas, por exemplo, há muito mais diferenças e disputas do que identificações. Essa compreensão do conceito de gênero exporia as assimetrias e hierarquias existentes não apenas na relação entre homens e mulheres, mas também entre as próprias mulheres. Isso evita que pensemos o gênero como uma categoria isolada, porque existem interseções com outras categorias de diferenciação social, tais como raça, classe, geração e orientação sexual.

A partir dessas considerações buscou-se compreender nos discursos e práticas sexuais e reprodutivas de adolescentes e mulheres jovens (entre 15 e 24 anos), de que maneira as concepções – que estão em transformação – do que é ser homem e do que é ser mulher influenciam nas suas escolhas e trajetórias de vida. Mais especificamente, investigou-se como relações de gênero desiguais – incluindo aí a presença do controle e da violência por parte de um parceiro – afetam o comportamento sexual e reprodutivo de mulheres jovens. As relações de poder estão profundamente arraigadas nas interações entre os homens e as mulheres, no seu cotidiano e na sua cultura. A violência assume diferentes formas, como os pequenos atos de dominação e de subordinação e também situações de espancamento e violência sexual e é vivenciada no dia a dia por muitas mulheres. Na dinâmica das relações entre homens e mulheres muitas vezes os atos violentos aparecem como “naturalizados” e invisíveis, ocorrendo no espaço privado. As consequências para as mulheres são inúmeras, não só cicatrizes no corpo físico, mas também nas relações afetivas, sexuais e psíquicas.

Considerando que gênero não é uma categoria estanque, procuramos estabelecer a relação entre as permanências e mudanças dos papéis de gênero e da vida sexual e reprodutiva das mulheres jovens em diferentes contextos sociais, por isso trabalhamos com adolescentes e mulheres jovens de classes e de raças diferentes e que habitam territórios distintos. Na análise quantitativa, foram elaborados indicadores com o objetivo de identificar como a ocorrência de controle e violência por parte do parceiro, somada à falta de controle das jovens sobre diferentes dimensões da sexualidade, pode ter um impacto mensurável sobre a saúde sexual e reprodutiva de mulheres jovens provenientes de classes sociais distintas. Partindo das respostas aos questionários fechados, aprofundamos a discussão a partir de entrevistas em profundidade e grupos focais.

Autonomia e desigualdade na trajetória de vida das jovens dos bairros e das favelas

Como foi dito, a pesquisa cujos resultados deram origem a este texto foi realizada com jovens da região centro-sul de Belo Horizonte, que concentra tanto bairros de classe alta e média alta, com os maiores índices de desenvolvimento humano (IDH) da cidade, como os maiores aglomerados. Foram usados métodos quantitativos e qualitativos para tentar identificar a relação entre desigualdade de gêneros e trajetória sexual e reprodutiva, mas neste texto o foco serão os dados qualitativos, provenientes de grupos focais e entrevistas em profundidade. Foram feitos 10 grupos focais, seis com jovens residentes em favelas _separadas por perfis: faixa etária, com ou sem filhos, casada ou solteira_ e quatro com jovens de classe média, separadas apenas por faixa etária (15 a 19 e 20 a 24), já que na classe média encontramos poucas jovens casadas e/ou que já foram mães. Foram feitas 20 entrevistas em profundidade, duas para cada perfil de grupo focal.

Apesar da ênfase nos dados qualitativos, alguns resultados da *survey* serão apresentados, já que as perguntas formuladas para as entrevistas em profundidade e para os grupos focais partiram dos resultados encontrados na pesquisa quantitativa.

Os resultados da pesquisa quantitativa nos permitiram caracterizar diferenças importantes entre as moradoras das favelas e dos bairros. Por exemplo, na amostra, um percentual significativo das jovens

de classe média entrevistadas residia em domicílio com renda acima de 20 salários mínimos, enquanto na favela mais da metade das jovens entrevistadas tinha renda de três salários ou menos⁴. Outra diferença apontada pela pesquisa é a prevalência de domicílios chefiados pela mãe ou por um parceiro, em proporções muito mais elevadas entre as jovens residentes em favelas. Encontramos entre as entrevistadas de classe média um percentual maior de solteiras e que residiam com os pais, enquanto que o percentual de jovens casadas ou unidas entre as residentes em favelas era bem mais alto.

Com relação à escolaridade, na classe média a grande maioria ainda estava na escola ou já havia completado um curso de graduação. Na favela menos da metade das jovens ainda frequentava a escola. Contudo, a informação mais significativa com relação à escolaridade das jovens residentes em favelas foi o fato de que mais de 40% delas declarou ter o 2º grau, número relativamente alto se comparado à média brasileira de anos de estudos para a população acima de 15 anos de idade, que estava em 7,5 em 2009 (IPEA, 2012). Apesar disso, entre as jovens da favela, o acesso ao ensino superior ainda é baixo: apenas 1,4% delas estavam na Universidade.

No que se refere à experiência da sexualidade percebemos semelhanças entre os dois grupos, porém, em relação à trajetória reprodutiva, é possível afirmar que há um abismo separando os grupos. Encontramos um percentual altíssimo de jovens das favelas que já engravidou (53% entre as que eram sexualmente ativas), sendo que na classe média, apenas 3,4% declararam já ter engravidado.

Nos questionários fechados, os dados em relação ao uso do preservativo foi muito parecido nos dois grupos: declaração de uso na primeira relação e queda nessa proporção na última, pois, na medida em que as jovens entram em relações afetivas estáveis (maritais ou não) a tendência é de abandono do uso contínuo da camisinha, ocorrendo então sua substituição por outros métodos contraceptivos. Entretanto, a partir das informações obtidas nas entrevistas individuais e nos grupos focais, pudemos observar que há grande diferença nesse processo entre as jovens de classe média e as de favelas, diferença que ajuda a explicar as divergências nas trajetórias reprodutivas: quando as jovens da classe média estabelecem relações afetivas mais estáveis, tendem a passar do uso do preservativo para o da pílula anticoncepcional, mas o fazem de maneira muito deliberada, incluindo até a realização de exames para detectar o HIV junto com o namorado, além da consulta à/ao ginecologista. Já para as meninas da favela, ao abandono do uso da camisinha não se segue muitas vezes uma adoção sistemática do uso de algum outro método contraceptivo. Seus discursos apontam para a complexidade das razões por que isso ocorre. Muitas vezes elas deixam de usar o preservativo por descuido ou por esquecimento após as primeiras relações, pois relaxam, afinal “confiam” no parceiro e muitas, quando começam a pensar em substituir a camisinha por outro método contraceptivo e a se organizar para tal, já tiveram relações sexuais desprotegidas e, muitas vezes, já engravidaram.

É possível identificar nos discursos das jovens também uma forte influência de concepções tradicionais sobre os papéis de gênero com a ocorrência da gravidez e a não utilização de preservativos. Os depoimentos abaixo refletem o seguinte ponto: a gravidez para as jovens residentes em favelas não é malvista, mesmo quando não planejada, porque dentro da trajetória delas, do contexto de oportunidade de vida, a gravidez aparece como uma alternativa possível entre a falta de possibilidade de escolarização mais longa e de acesso de maior qualidade ao mercado de trabalho. Além disso, há ainda presente, mesmo que não de modo explícito, uma ideia incorporada de que faz parte do destino das mulheres casar e ter filhos e de que o processo de se tornar adulta está associado à maternidade, pois assim “você cria juízo”. De acordo com Aquino (2004), em contextos fortemente marcados por desigualdades de gênero e de classe social, a maternidade se apresenta não apenas como "destino", mas como fonte de reconhecimento social para as jovens mulheres, que desprovidas de projetos educacionais e profissionais, seguem as expectativas tradicionais em relação aos papéis de gênero⁵. Nas

⁴ Para acesso aos dados quantitativos dessa pesquisa ver Jayme, Neves, Chacham, 2010 e Chacham, Bara, Camargos, 2012.

⁵ Ver também Saraví, 2004.

discussões que ocorreram nos grupos focais, relativas às perguntas sobre o motivo da gravidez, muitas meninas afirmaram que engravidaram e tiveram o primeiro filho porque quiseram⁶. Como os relatos abaixo descrevem:

Engravidei porque já tinha casado mesmo. (Poliana engravidou aos 16 anos).

Depois que você é mãe você amadurece mais, você toma mais responsabilidade. (Joana engravidou aos 20 anos)

É, porque na verdade quando eu engravidei da Lina, eu já morava com o pai dela (...). Porque eu tive uma primeira gravidez com ele, eu perdi um neném de sete meses. Ai assim que eu engravidei a gente foi morar juntos. Perdi, passei um tempo com ele e depois a gente... combinou de engravidar, mas apesar que eu estava muito nova na época, com quatorze anos. (Karina, primeira gravidez aos 14 anos).

De qualquer maneira, independente dos significados que essas meninas atribuem à gravidez, essa muitas vezes significa uma interrupção nos planos futuros das jovens mães, mesmo entre aquelas que já concluíram o segundo grau, como ficou explícito em nossa pesquisa. O discurso daquelas que engravidaram, em geral, centra-se no que têm de fazer para cuidar do filho, enquanto no das jovens que não engravidaram há sempre a possibilidade de melhor qualificação, de crescimento pessoal. Mesmo desejada, a gravidez traz alguma consequência em termos escolares e profissionais para a trajetória de vida dessas jovens pobres, assim, projetos pessoais podem ser obliterados, interrompidos ou readequados à nova sua nova realidade.

Parei de estudar porque engravidei, também por isso que eu parei. Ai depois não voltei mais não. Ai eu tô querendo voltar de novo, formar de uma vez já que eu parei no primeiro... (Maira, 19 anos, solteira com filho).

(...) estudei até o segundo e parei porque estava grávida e porque aumentou meu horário de trabalho. Eu trabalhava das 10 às 19 horas da noite. Eu achava que ficava muito corrido pra sair pro colégio, ai vou voltar ano que vem quando o bebê tiver maior e puder ficar com alguém... dar continuidade aos estudos e fazer cursinhos (Geórgia, 18 anos, casada, grávida).

(...) filho é um empecilho, é um impedimento! Não tem quem ajude! Como que deixa o neném novo e o mamá? Ai tem que tá com a mamadeira, ai larga o peito. É difícil. Em matéria de filho, só a gente que paga o pato! (Milena, 17 anos, casada, dois filhos).

Nas camadas médias, diferentemente, de acordo com Gonçalves e Knauth (2006), quando uma adolescente tem um filho, este fato é visto por seus pais como efeito da inconsequência dessa fase e, nesse contexto, a gravidez e a maternidade interrompem os estudos apenas temporariamente, já que elas têm o apoio da família tanto do ponto de vista econômico/financeiro, como na criação das/os filha/os. É o que parece confirmar Ana, que engravidou aos 15 anos e tinha 24 na época da pesquisa,

⁶ Obviamente muitas disseram que não planejaram o filho, que engravidaram “sem querer”, ou porque “aconteceu”.

que cursa a Faculdade de Design na parte da manhã e faz estágio à tarde, mas o dinheiro da remuneração é apenas para gastos pessoais:

"Não (ajudo), na minha casa não, ele (meu pai) me sustenta e sustenta meu filho. O (dinheiro que eu recebo) é pra a mim, para gastar e juntar (...)"

Representações de gênero

Trabalhamos na pesquisa com a hipótese de que a persistência de valores e de comportamentos tradicionais – em relação aos papéis de gênero – está associada à menor autonomia e maior vulnerabilidade a gravidezes não planejadas e ao controle/violência do parceiro. Fizemos perguntas sobre o que chamamos de estereótipos de gênero que estavam relacionadas ao trabalho e renda, à sexualidade e à violência/ controle do parceiro. Eram questões bastante conservadoras – do tipo, “a mulher só deve trabalhar fora se o marido deixar” – e mesmo esperando uma diferença por classe, foi surpreendente encontrar uma aceitação relativamente alta dos papéis tradicionais de gênero entre as meninas jovens residentes na favela, considerando a idade (entre 15 e 24 anos) e uma rejeição muito grande a esses papéis, entre as meninas de classe média.

Nos grupos focais, ainda que não possamos generalizar a partir desses, muitos depoimentos traduziam uma forte aceitação ou resignação diante do controle por parte do parceiro. Embora muitas jovens da favela reprovem discursivamente o controle sobre o uso de determinadas roupas pelo companheiro ou namorado, acabam aceitando-o; entre as meninas de classe média não houve, nos grupos focais e entrevistas individuais, respostas tão consensuais a essas questões. Houve aquelas que rejeitaram fortemente esse tipo de comportamento, mas algumas comentaram sobre namoros com alto grau de controle por parte do rapaz:

Ele gosta muito de regular. Não deixa eu sair à noite sozinha. Se eu sair, tenho que levar os meninos. Ele fala assim: “Se você levar os meninos, aí você não vai fazer nada” (Jamile, 20 anos, casada, dois filhos, moradora de favela).

(...) a vida da gente já não é a mesma, porque quando a gente é solteira a gente sai, chega a hora que quiser, agora quando a gente, vamos supor, vou ali e volto, tá amor? Não! Tem que ter hora pra chegar! (Marina, 17 anos, casada, dois filhos, moradora de favela).

(...) acho que quando a mulher tá fazendo alguma coisa de errado e ela apanha do marido, aí ela aceita e ela vai atrás do cara e faz mais pra ele bater nela. Agora, quando fala que não dói, eu acho que a partir do momento que ele não tá magoando ela, sabe? Emocionalmente. Tá só batendo. (Michelle, 17 anos, solteira, sem filhos, moradora de favela)

Eu sofri no meu último namoro por causa de ciúme possessivo do meu ex. Não por roupa, mas sou muito espontânea, gosto de cumprimentar as pessoas (...) e ele se incomodava com isso. Ficamos juntos 1 ano. Foi meu primeiro namorado (Andrea, 19 anos, solteira, moradora de bairro de classe média).

O meu ex-namorado ficava me esperando na porta do banheiro. E sofri por causa de amigas. Me afastei muito das minhas amigas. Ele era tão ciumento que eu não poderia falar com minha amiga (...). Hoje em dia eu vejo as consequências, não porque eu quis e ele quis, foi deixando. Hoje em dia eu

falo, não pode deixar. Depende do jeito que você começa o namoro. A gente fica submissa (Carla, 18 anos, solteira, moradora de bairro de classe média).

Em relação aos estereótipos de gênero ligados à sexualidade, percebemos que em algumas questões há semelhanças entre as respostas das jovens moradoras dos bairros e das favelas, porém, há diferenças importantes também. A ideia de que a mulher que tem vários parceiros desvaloriza-se, por exemplo, aparece com força no discurso de ambas as classes. Nas respostas ao questionário da fase quantitativa foi o item que gerou mais concordância entre meninas de classe média, (mais de 56%), o que mostra que, na esfera da sexualidade, ainda é muito ambígua a percepção do que é correto para o homem e para a mulher. Entre elas, a afirmativa “o amor é mais importante que o sexo para a mulher” foi a segunda colocada. A terceira afirmativa mais aceita, por um terço delas, foi: “o homem tem mais necessidade de sexo que a mulher”. A concordância relativamente alta com esses dois itens pelas jovens de classe média (já que as outras afirmativas apresentaram menos de 20% de concordância) indica que ainda persiste certa ambiguidade no discurso dessa classe: é apropriado gostar de sexo, mas não demais. O interesse pelo sexo desassociado de uma relação de intimidade ainda é um comportamento percebido como pouco “feminino”.

Por outro lado, as jovens residentes em favelas apresentam posições mais tradicionais em relação à sexualidade. Praticamente todas as afirmativas foram aceitas por mais de um terço delas, com exceção da afirmativa “tapa de amor não dói” e de que a “mulher casada deve satisfazer sexualmente o marido, mesmo se não tiver vontade” o que implica numa rejeição à violência física e sexual contra a mulher. Nos grupos focais e entrevistas em profundidade, as respostas e debates em torno dessas questões confirmaram (com discussões mais profundas) o que foi verificado nos questionários fechados.

Tava passando na televisão que mulher virgem é pra casar e as que não (são virgens) é pra zoar. Não é assim não, mas se eu pudesse eu queria casar virgem (Simone, 16 anos, solteira, sem filhos, moradora de favela).

Sexo sem amor pra mulher é complicado, para o homem não. A mulher não sente aquela falta de sexo (Rita, 24 anos, solteira, sem filhos, moradora de favela).

Piriguete é quando a mulher é safada demais. Que não liga! Tem o mesmo sentimento do homem! Ela fica com um aqui, outro aí, outro aqui! (...) (Fernanda, 22 anos, solteira sem filhos, residente em favela).

Mulheres que têm muitos parceiros se desvalorizam. Eu acho que é sua consciência. Eu já tive várias experiências disso aí, é uma coisa que eu me arrependo profundamente de todos, menos assim de um ou outro, mas a maioria, se eu parar pra pensar, eu vou sentar e vou chorar, que é uma coisa que eu me arrependo muito (Isadora, 18 anos, solteira, sem filhos, residente em bairro de classe média).

Na esfera relativa ao mundo do trabalho, a força dos estereótipos de gênero revela uma diferença significativa. Nota-se, nas respostas aos questionários fechados, um alto índice de aceitação pelas mulheres jovens da favela às seguintes afirmativas: “o homem é o principal responsável pelas despesas da casa”; “a mulher só deve trabalhar fora se o companheiro deixar”; “a mulher deve parar de trabalhar quando tem um filho”; “é justo que quem ganha mais tenha a última palavra nas decisões da casa”; e “crianças pequenas sofrem mais quando a mãe trabalha”. Pode-se interpretar essa forte concordância com tais afirmativas como uma sobrevalorização do papel da mulher em papéis femininos tradicionais

como mãe, esposa e dona de casa em detrimento de uma visão positiva da participação da mulher no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo aparece o ideal do parceiro como provedor e principal responsável pelas contas da casa, mesmo em um contexto no qual esse ideal se encontra longe da realidade, dada a alta proporção de residências chefiadas por mulheres encontradas nas favelas. Já entre as jovens residentes em bairros de classe média, encontramos uma forte rejeição aos estereótipos tradicionais de gênero em relação ao mundo do trabalho e sobre o controle da renda.

É preciso, entretanto, considerar que para a mulher de classe mais baixa, sem alternativas razoáveis para cuidar dos filhos, o trabalho constitui maior sacrifício. Por outro lado, a falta de perspectiva profissional é muito grande, porque a trajetória educacional é limitada pelo 2º grau (com sorte), e sem o 2º grau, ou com ele, as chances de as jovens de classe baixa conseguirem uma boa colocação profissional são mínimas. Assim, sem trabalho adequado e sem cuidado adequado para as crianças, a visão negativa que essas jovens têm do trabalho é muito maior, mas há, ao mesmo tempo, o reconhecimento da sua importância para a autonomia da mulher, simultaneamente a essa idealização do papel do homem como provedor, como várias entrevistadas observaram:

(...) meu padrasto nunca deixou faltar nada pra minha mãe e pros meus irmãos. Nunca. Então eu acho que o homem tá, assim, fazendo seu papel muito bem. (Andrea, 16 anos, solteira, sem filhos, residente em favela)

Acho que a gente deve trabalhar (fora) a partir do momento, vamos supor, ela não tem um marido, mesmo se tiver um marido, que não ajuda, aí eu acredito que ela tem que trabalhar (Ana Paula, 20 anos, solteira, uma filha, residente em favela)

A função do homem é sustentar a casa, da mulher é ser dona de casa (...) (Sheila, 23 anos, solteira sem filhos, residente em favela).

(...) a mulher devia trabalhar sim, ter o seu dinheiro, mas ele é o chefe da casa, então ele que tem que arcar com mais despesas (...). A mulher tem que ajudar sim, mas não muito. O homem tem que ganhar mais dinheiro (Fernanda, 22 anos, solteira sem filho, residente em favela).

Homem já gosta de pisar em mulher, e já ficar dependendo já, quando a mulher tá dependendo do homem, aí vira uma verdadeira prisioneira. (Aline, 20 anos, casada, uma filha, residente em favela)

(...) meu marido não me permitia fazer nada. Não podia estudar, não podia trabalhar, mas em compensação ele me dava tudo. Uma bala que eu precisava ele me dava. Mas também é muito por isso (...), a gente fica dependendo muito de homem. Por isso que eu falo, só depois que eu separei dele é que eu comecei a viver (Aline, 20 anos, separada, um filho, residente em favela).

Considerando que nas favelas o número de famílias chefiadas pela mãe é maior que as chefiadas pelo pai, essa idealização não faz parte da realidade dessas jovens, pois ter um parceiro que seja provedor é muito pouco provável. Mesmo quando falam que a função do homem é sustentar a casa e a mulher, muitas dessas jovens consideram difícil ser completamente dependentes do parceiro. Para elas, ter de pedir dinheiro ao marido para qualquer coisa e obter uma resposta negativa as leva a uma constante idealização; ter alguém que as sustente, que evite que elas se exponham a um trabalho desgastante, de baixo rendimento e que as separe dos filhos, mas por outro lado depender dos parceiros, constitui um

dilema. As jovens de classe média, entretanto, falam da carreira, das chances profissionais, às quais têm acesso, da importância de profissionalizar-se antes de casar.

Minha prioridade é minha carreira. Se vier um cara, ótimo. Mas se falar: 'Você tá sem tempo pra mim', um beijo e um abraço. Este ano eu tirei pra dedicar à minha vida mais profissionalmente (Vânia, 21 anos, residente em bairro de classe média).

Eu termino agora a faculdade e, então assim, este ano passou muito rápido e até chegar o final do ano vai passar mais rápido ainda. Então, eu tô bem focada nisso, que é terminar a faculdade e já entrar pro mestrado e não dar boeira. Então, o que eu quero é isso (Leticia, 20 anos, residente em bairro de classe média).

Por outro lado, impressiona a persistência dessas jovens sobre casar-se com homens que ganhem mais que elas. Nos grupos focais, as meninas de classe média, estudantes universitárias e com discurso aparentemente moderno, falaram de maneira explícita que, mesmo considerando a carreira profissional um elemento fundamental na vida – não havia nenhuma que idealizasse a vida de ser dona de casa –, era muito importante para elas que o parceiro ganhasse mais e fosse o principal provedor da casa. Uma delas afirmou que, “[com um parceiro que ganhasse] menos de 6.000 por mês”, não casava, segundo ela, para ficar “pior do que estava” não valia a pena casar. Ainda que a resposta assuste, é uma consideração emblemática, pois reflete uma reivindicação de *status* de igualdade muito grande, mas não a completa responsabilidade por essa igualdade. Tal consideração coloca o homem numa posição muito difícil, pois, se de um lado tem de respeitar a parceira como igual, de outro tem de estar numa posição financeira e social levemente superior, porque é isso que se espera do homem. Além do mais, há aquela velha dicotomia: o homem tem de ser sensível, mas, ao mesmo tempo, “macho” na cama. Esse discurso (o homem “tem de ter pegada”) ainda tem muita força, tanto entre as jovens de classe média quanto entre as de favela.

A partir das respostas em relação aos papéis de gênero, principalmente ao esperado do papel do homem e da mulher e do comportamento sexual, quanto maior a adesão aos papéis tradicionais de gênero, maior a probabilidade de essas jovens terem tido uma iniciação sexual precoce, de não terem usado preservativo e de terem tido gravidez na adolescência. O tradicionalismo, na verdade, está associado a uma maior vulnerabilidade na esfera da sexualidade: quanto mais tradicional, menos autônoma e mais vulnerável a pessoa fica.

Tal fenômeno não transparece apenas no discurso das jovens. Quando perguntadas se haviam sido vítimas de violência, de controle, pelo parceiro ou namorado, todas as meninas, tanto da classe média quanto da favela, que foram vítimas de controle por parte do parceiro tiveram maior probabilidade de engravidar antes dos 19 anos. Não importa se elas tenham concordado ou não, a chance de terem engravidado na adolescência e de não terem usado preservativo na primeira ou na última relação é mais alta. Para além do comportamento controlador do parceiro, no discurso dessas meninas a aceitação desse controle é relativamente alta, mesmo que não seja majoritária também na classe mais baixa.

Comentários finais

Nossas hipóteses iniciais permitem concluir que a persistência de papéis tradicionais de gênero, de comportamentos tradicionais ou machistas associados à falta de oportunidade de crescimento e de qualificação profissionais aumenta a vulnerabilidade da mulher na esfera da sexualidade. Entre as meninas de classe mais baixa, a socialização para a maternidade, para o trabalho doméstico começa muito cedo, gerando percepções e atitudes tradicionais que influenciam as aspirações e os projetos de

vida, e o papel de ser mãe e esposa é o mais natural. Apesar de um discurso mais moderno, que permeia as aspirações dessas jovens, trata-se na prática de uma trajetória esperada. Várias jovens com mais de 20 anos e que ainda não eram mães declararam que se sentiam “velhas”, que estavam ficando para “títia”, porque tinham 22 anos e ainda não tinham “juízo”.

Ficou claro, assim, que apesar do discurso dominante de que a gravidez na adolescência não é desejável, na prática essa condição ainda é vista como um marco definitivo para essas jovens. Tornar-se mulher, tornar-se adulta, tomar juízo, ou seja, ter responsabilidade significa casar e ter filho. No imaginário, no discurso e nas representações da trajetória de vida dessas jovens, essa concepção é ainda muito forte, principalmente se somada a uma ausência prática de alternativas de quem chega ao 2º grau e não tem perspectivas reais de continuar seus estudos ou de obter uma inserção qualificada no mercado de trabalho com o nível de escolaridade que já atingiu.

As meninas das camadas médias são mais autônomas em relação aos parceiros que as moradoras da favela, havendo uma relação intrínseca entre atividade sexual e gravidez precoce e desigualdade de gênero. Enfim, na análise dos discursos das jovens, fica claro como a possibilidade de construção de autonomia de gênero, ascensão social e inserção profissional diferem de acordo com a classe social.

Os resultados apontam que questões sobre aspectos básicos da natureza das relações entre os casais – se mais tradicionais (significando maior controle por parte do homem) ou mais igualitárias – pode ser fundamental para iluminar o impacto da desigualdade de gênero no comportamento sexual e reprodutivo das mulheres. O uso de algumas dessas variáveis como indicadores de autonomia aparentam ser uma forma útil de nos aproximarmos da compreensão acerca deste impacto, mesmo em países que passaram por profundas mudanças no contexto das relações de gênero e dos papéis tradicionais de gênero, permitindo uma abordagem a ser explorada em diferentes áreas.

O que se percebe, ao final, é que relações de gênero desiguais impactam negativamente a autonomia da mulher, sua probabilidade de usar preservativo e de evitar uma gravidez não programada, independentemente de classe social. Entretanto, apesar da desigualdade de gênero atingir a saúde sexual e reprodutiva de mulheres de diferentes classes sociais, a influência do contexto socioeconômico e do acesso aos níveis mais altos de educação também têm uma grande contribuição. Ou seja, apesar de relações com parceiros autoritários aumentar a chance de uma gravidez na adolescência, sua prevalência é muito maior entre mulheres de classes populares residentes em favelas. Elas constituem uma população sujeita a inúmeras formas de vulnerabilidade, incluindo a opressão de gênero. Nesse contexto, uma gravidez precoce não programada afeta a trajetória de vida da jovem de maneira mais danosa e permanente, reduzindo suas chances de completar sua escolaridade e impactando negativamente sua inserção no mercado de trabalho formal e qualificado. Este é um desfecho para a gravidez precoce não programada que as jovens dos estratos socioeconômicos mais altos não vão vivenciar. Não se trata de demonizar ou estigmatizar a gravidez na adolescência, mas reconhecer que há consequências negativas para as jovens que vivem em ambientes com múltiplas vulnerabilidades sociais que se realimentam.

Referências

BUTLER, J. (1990). *Gender Trouble: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge.

CHACHAM, A. S., MAIA, M. B., GRECO, M., SILVA, A. P., GRECO, D. B. (2007). Autonomy and susceptibility to HIV/AIDS among young women living in a slum in Belo Horizonte, Brazil. *AIDS Care*. V.19, S12 - S22.

CHACHAM, A. S., MAIA, M. B., CAMARGO, M. B. (2012). Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. *Revista Brasileira Estudos Populacionais*. [online].

- Vol.29, n.2, pp. 389-407. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982012000200010>>. Acessado em 05/07/2013.
- GASKELL, G. (2003). Entrevistas Individuais e em Grupo. In: BAUER, M., GASKELL, G. (Eds.) *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- GONÇALVES, H., KNAUTH, D. R. (2006). Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 49, n. 2.
- HARAWAY, D. (2004). “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246.
- HEILBORN, M. L. (2006). Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: Maria Luisa Heilborn et al. (Orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Fiocruz e Grammond: Rio de Janeiro.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA. *Situação Social dos Estados – Minas Gerais*. Brasília: IPEA. 2012. Disponível em: http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/120210_relatorio_situacaosocial_mg.pdf Acessado em 14 de maio de 2012.
- JAYME, J., NEVES, M., CHACHAM, A. (2010). Tão perto e tão longe: gênero, juventude, território e vulnerabilidade em Belo Horizonte. *34º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, Outubro.
- LAQUEUR, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- STRATHERN, M. (1988). *The Gender of the Gift*. Berkley: University of California Press.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. (1995). *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.